

William Blake

Canções da Inocência e da Experiência

(2ª edição revista e atualizada)

Tradução de
Renato Suttana



O Arquivo de Renato Suttana
<http://www.arquivors.com/wblake1.pdf>

2011

1ª edição: 2005
2ª edição: 2011

SUMÁRIO

CANÇÕES DA INOCÊNCIA.....	5
INTRODUÇÃO	6
O PASTOR.....	7
O ECOANTE VERDOR	8
O CORDEIRO	9
O MENININHO NEGRO.....	10
O AMOR-PERFEITO.....	11
O LIMPADOR DE CHAMINÉS	12
O MENININHO PERDIDO.....	13
O MENININHO ENCONTRADO.....	14
CANÇÃO SORRIDENTE	15
UMA CANÇÃO PARA BERÇO	16
A IMAGEM DIVINA	17
QUINTA-FEIRA SANTA	18
NOITE	19
PRIMAVERA	21
CANÇÃO DA AMA.....	22
INFANTE ALEGRIA	23
UM SONHO	24
SOBRE A MÁGOA ALHEIA.....	25
CANÇÕES DA EXPERIÊNCIA.....	26
INTRODUÇÃO	27
A RESPOSTA DA TERRA.....	28
O TORRÃO E O SEIXO	29
QUINTA-FEIRA SANTA	30
A MENININHA PERDIDA.....	31
A MENININHA ENCONTRADA.....	33
O LIMPADOR DE CHAMINÉS	35
CANÇÃO DA AMA.....	36
A ROSA DOENTE	37
O MOSQUITO	38
O ANJO	39
O TIGRE.....	40
MINHA BELA ROSEIRA	41
AH, GIRASSOL	42
O LÍRIO	43
O JARDIM DO AMOR	44
O PEQUENO VAGABUNDO.....	45
LONDRES.....	46
A ESSÊNCIA HUMANA	47
MÁGOA INFANTIL	48
UMA ÁRVORE DE VENENO.....	49
UM MENININHO PERDIDO.....	50

UMA MENININHA PERDIDA	51
A IMAGEM DIVINA	52
UMA CANÇÃO PARA BERÇO	53
O ESCOLAR	54
PARA TIRZAH	55
A VOZ DO BARDO ANTIGO	56

CANÇÕES DA INOCÊNCIA

INTRODUÇÃO

A tocar minha flautinha
Pelo vale viridente
Vi nas nuvens uma criança.
Disse-me ela, sorridente:

Toque a canção do Cordeiro!
E eu toquei com alegria.
Flautista, toque outra vez –
E chorou, enquanto ouvia.

Deixe a flauta, a alegre flauta,
Cante canções de alegria.
Toquei o mesmo outra vez
E o vi chorar quando ouvia.

Flautista, sente-se e escreva
Num livro, que o mundo leia –
E então desapareceu
E um caniço eu apanhei

E fiz dele a minha pena,
E turvei as águas mansas,
E escrevi canções felizes,
Para alegrar as crianças.

O PASTOR

Que doce a doce lida do Pastor,
Da madrugada à noite ele vagueia:
Seus carneiros no campo pastoreia,
E a sua voz é cheia de louvor.

Porque ele ouve o balido do cordeiro
E o replicar da ovelha, e atentamente
Vigia enquanto pastam calmamente,
Pois sabem que está perto o Pegureiro.

O ECOANTE VERDOR

O Sol que no céu desponte
Dá alegria ao horizonte;
O sino canta a canção
Da florescente estação;
Canta o tordo e a cotovia,
E a ave da mata bravia,
Ao retumbante clamor
Dos sinos, por sobre os campos;
Enquanto, jovens, brincamos
Pelo Ecoante Verdor.

O velho João, já grisalho,
Esquece faina e trabalho;
Senta-se entre a velha gente
À sombra, no dia quente.
Ao verem nosso folgar
Se põem a comentar:
“O mesmo alegre fervor,
E equivalente alegria
Em nossa infância se via
Pelo Ecoante Verdor.”

Até que, exaustos os novos,
Não podendo mais com os jogos,
No ocidente o sol declina,
E nosso folgar termina.
Em torno ao colo das mães,
Diversos irmãos e irmãs,
Como as aves ao calor
Dos ninhos, vão repousar;
E não se vê mais folgar
No anoitecido Verdor.

O CORDEIRO

Cordeirinho, quem te fez?
Tu conheces quem te fez?
Deu-te vida e alimentou-te.
Sobre o prado e junto à fonte;
Cobriu-te com veste pura
De lã branca que fulgura;
Deu-te a voz meiga e tão fina
Para alegrar a campina:
Cordeirinho, quem te fez?
Tu conheces quem te fez?

Cordeirinho, eu te direi,
Cordeirinho, eu te direi;
Por teu nome ele é chamado,
Pois assim se tem nomeado:
Ele é meigo e pequenino,
E um dia se fez menino:
Cordeiro tu e menino eu,
Nos une um nome que é Seu.
Cordeirinho, Deus te guarde,
Cordeirinho, Deus te guarde.

O MENININHO NEGRO

Minha mãe me gerou lá numa austral devesa,
E sou negro, mas – oh! – sei que minha alma é clara.
Clarinha como um anjo é uma criança inglesa:
Mas negro sou, como se a luz não me tocara.

À sombra de um baobá minha mãe me educou
E sentada comigo ante o calor do dia.
Tomou-me certa vez ao colo e me beijou,
E indicando o nascente eis o que me dizia.

Olha o nascer do sol: lá Deus tem sua casa
De lá nos manda a luz e envia Seu calor,
Que a árvore e a flor e a fera e o homem tudo abrasa
Confortando a manhã alegrando o sol-pôr.

Nosso tempo na terra é só uma curta estada.
Para aprender a suportar o amor radioso.
E este corpo tão negro e esta face queimada
É uma nuvem somente, e um bosque penumbroso.

Quando tiver nossa alma esse ensino aprendido
A nuvem se esvairá e uma voz há de soar.
Dizendo: o bosque abandonai gado querido.
E vinde em torno à Minha tenda festejar.

Minha mãe disse assim e me beijou a face.
E ao menininho inglês assim também falei.
Que quando a nuvem negra e a nuvem branca passe,
E em torno à tenda se ajuntar a Sua grei,

Vou guardá-lo do sol que ele há de suportar
Quando feliz ao pé de nosso pai se ajoelhe.
Quero ao seu lado as alvas mechas lhe afagar,
E ele então me amará e eu serei como ele.

O AMOR-PERFEITO

Feliz Pardalzinho,
Entre as folhas verdes
Um Amor-perfeito
Te vê rapidinho
Encontrar teu ninho
Junto ao meu peito.

Gentil Corruíra,
Entre as folhas verdes
Um Amor-perfeito
Ouve o teu suspiro,
Gentil Corruíra,
Junto ao meu peito.

O LIMPADOR DE CHAMINÉS

Eu era bem novo e minha mãe morria,
E meu pai vendeu-me quando eu mal sabia
Balbuciar, chorando limpa-dor dor dor dor,
Assim sujo e escuro sou o limpador.

Aquele é Tom Dracre, que chorou na vez
Em que lhe raspavam a cabeça: Vês –
Consolei-o – Tom que é bom não ter cabelo,
Pois assim fuligem não te suja o pêlo.

Assim se acalmou. E numa noite escura
Tom dormindo teve esta visão futura,
Que mil limpadores Josés Chicos Joões
Foram confinados em negros caixões.

E então veio um Anjo com uma chave branca
E os tirou do escuro destravando a tranca.
E então entre risos ao campo saíram
E entraram num rio e ao Sol reluziram.

Sem sacos às costas, despida a camisa
Voaram nas nuvens, brincaram na brisa;
Disse o Anjo a Tom que, se fosse bonzinho,
Deus feliz tomava-o como seu filhinho.

E Tom despertando foi na escuridão
Apanhar seu saco mais seu esfregão,
E saiu alegre na manhã gelada.
Quem seu dever cumpre não receia nada.

O MENININHO PERDIDO

Papai, papai, onde estás indo
Não posso assim correr.
Fala, papai, ao teu filhinho,
Ou hei de me perder,

Não havia pai na noite escura
E a criança se ensopava
De orvalho, lama e pranto, e ao longe
Uma névoa exalava.

O MENININHO ENCONTRADO

Perdido o menininho no atoleiro,
Guiado por brilho obscuro,
Pôs-se a chorar, mas Deus, sempre presente,
Surgiu como seu pai de branco e puro.

Beijou a criança e pela mão levou-a
À mãe, que suspirava,
Que pálida de mágoa em todo o vale
Chorando a procurava.

CANÇÃO SORRIDENTE

Quando se ouve da mata o gargalhar feliz
E a doce correnteza é uma risada fluida,
E o ar se ri também com o nosso bom humor,
E o verde outeiro ri ecoando tal rumor.

Quando a campina ri verdejante e contente
E o gafanhoto ri ao ver a alegre cena.
E ri Maria e ri Susana e Emília ri,
Com boca bem redonda a cantar ah, ah, ih.

Quando riem na sombra as aves coloridas
E a nossa mesa está recoberta de frutos
Vinde alegrar-vos e viver, sentai aqui,
Cantai comigo o doce coro do ah, ah, ih.

UMA CANÇÃO PARA BERÇO

Vinde, vinde, doces sonhos,
O meu pequeno embalar;
Doces sonhos de risonhos,
Silentes raios de luar.

Com a fronte vem lhe tecer
Uma coroa, Anjo meigo,
Doce, doce adormecer,
Para o seu sono e sossego.

Guardai-o, sorrisos ternos,
Que ele é meu gozo sem par;
Doces sorrisos maternos,
A noite inteira a velar.

Doces queixas de pombinhos
Não o venhais perturbar;
Doces queixas, sorrisinhos,
Fazei as queixas cessar.

Dorme, dorme, meu pequeno,
Toda a criação dormiu;
Dorme, dorme, bem sereno,
Tua mãe vela por ti.

Em teu rosto, pequenino,
Sagrada imagem se vê;
Quem te criou foi menino,
Chorou por mim, meu bebê,

Por todos, por mim, por ti,
Quando se fez num infante;
E hoje do céu te sorri,
Em tudo vê Seu semblante.

Por todos, por mim, por ti
É que ele dá o riso Seu:
Como criança sorri,
A velar por terra e céu.

A IMAGEM DIVINA

Por Clemência, Piedade, Paz e Amor
Todos rezamos na aflição;
E para tais virtudes deliciosas
Se volta a nossa gratidão.

Pois Clemência, Piedade, Paz e Amor
É Deus, nosso pai adorado;
E Clemência, Piedade, Paz e Amor
O Homem, Seu filho e Seu cuidado.

Pois a Clemência tem um peito humano,
E o Amor forma humana celeste,
E um rosto humano tem a Piedade,
E a Paz exhibe humana veste.

Assim todo homem, pelo mundo afora,
Que reza em sua humana dor,
Pede só à divina forma humana
Clemência, Paz, Piedade, Amor.

E amar a forma humana devem todos,
Sejam pagãos, turcos, judeus;
Onde habitam Clemência, Amor, Piedade,
Ali também habita Deus.

QUINTA-FEIRA SANTA

Foi numa Quinta-feira Santa, iam com as faces bem lavadas,
Duas a duas, as crianças, em roupas de cores variadas;
Mãos brancas e brancos cabelos, à frente os bedéis caminhavam;
E, entrando a abóbada de Paulo, como a água do Tâmis escoavam.

Que grande multidão somava de Londres essa floração!
Em companhias assentadas, com brilho próprio e irradiação.
Rumor de multidão lá havia, porém multidão de ovelhinhas,
Mil meninos e mil meninas a erguer inocentes mãozinhas.

Agora, como um vento forte, sobem ao Céu suas canções,
Como entre os bancos celestiais o som de harmônicos trovões.
Sábios guardiões dos pobres, foram entre eles os velhos sentar.
Sê pois piedoso e não expulses um anjo de teu limiar.

NOITE

O sol já se deitou para o poente,
E a estrela vespertina se acendeu;
Cada ave no seu ninho está silente,
Porém ainda procuro pelo meu.
A lua – flor descerrada
Do céu na alta latada –
Com silencioso prazer
Senta-se, rindo para o anoitecer.

Verde campina, alegre bosque, adeus,
Onde pastaram com deleite os gados;
E onde agora os anjinhos movem seus
Silenciosos pés iluminados.
Invisíveis, eles vêm
Para abençoar também
Os brotos e as florações
E mais os adormidos corações.

Em cada quieto ninho vão olhar
As aves que, aquecidas, lá dormitam,
E depois nas cavernas vão cuidar
Também das rudes feras que as habitam.
Se descobrem algum pranto,
Trazem depressa acalanto,
E dão sono a quem chorar,
À cabeceira pondo-se a velar.

E quando o tigre e o lobo estão caçando,
Eles choram de pena e de tristeza,
Das brancas ovelhinhas afastando
Os que delas fizeram sua presa.
Se estes atacam sem rogo,
Prestes, os anjos vêm logo
As ternas almas levar,
Para novos mundos herdar.

E então os rubros olhos do leão,
Puras lágrimas de ouro hão de verter;
E, tendo por quem chora compaixão,
Enquanto as furnas corre, irá dizer:
“O ódio, por Sua clemência;
Por Sua saúde, a doença
Destes dias imortais
Foram banidos para nunca mais.

“E agora posso, cordeiro, ao teu lado
Me deitar e contigo adormecer;
Pensando em Quem por teu nome é chamado,
E, chorando, ao teu lado então pascer.
Minha flava juba, abluída
No eterno rio da vida,
Sempre há de luzir mais pura,
Enquanto monto guarda à furna escura.”

PRIMAVERA

Toque a Flauta,
Que faz falta;
Cotovia
Noite e Dia;
Rouxinol
No arrebol;
Ave a voar,
E a cantar,
Para saudar alegre, alegremente o Ano.

Menininho
Alegrinho;
Menininha
Tão meiguinha;
Canta o Galo,
Imitá-lo;
Linda voz
Tendes vós
Para saudar alegre, alegremente o Ano.

Vem, Cordeiro,
Bem ligeiro;
Lambe então
Minha mão;
Branco Pelo,
Quero vê-lo;
Dou um beijo
No teu queixo:
Para saudar alegre, alegremente o Ano.

CANÇÃO DA AMA

Quando se ouvem nas campinas os risos dos pequeninos
E suas vozes também,
Meu coração satisfeito se aquieta dentro do peito,
E tudo o mais está bem.

“Então a casa tornai, crianças, que o sol descai,
E o orvalho da noite desce;
Deixai os jogos por ora, e vamos todos embora,
Até que a manhã regresse.”

“Não, não, deixa-nos brincar, pois ainda há sol a brilhar,
E não podemos dormir;
E os céus azuis se povoam dos passarinhos que voam,
E ouve-se a ovelha balir.”

“Bem, ide ao campo e brincai, enquanto a luz não se vai,
E após correi para a cama.”
E os pequeninos saltaram, e sorriram, e gritaram,
Fazendo ecoar a montanha.

INFANTE ALEGRIA

“Não tenho nome:
Só de dois dias sou.”
Como te chamarei?
“Sou só feliz,
Alegria é meu nome.”
Que sejas bem feliz!

Meiga Alegria!
Doce, e só de dois dias.
Doce Alegria chamo-te.
Enquanto ris,
Entoo um canto;
Que sejas bem feliz!

UM SONHO

Um dia um sonho se teceu
Em torno ao leito em que eu dormia:
Que uma formiga se perdeu
Num vasto campo onde eu me via.

Confusa, incerta, abandonada,
E sem saber por onde andar
Naquela selva desgrenhada,
Com muita pena, ouço-a falar:

“Ó meus filhinhos! choram tanto?
Não ouvem suspirar seu pai?
Buscam em volta, com espanto:
Voltai, pois, e por mim chorai.”

Chorei também, de pena pura;
Mas veio um vaga-lume então
E disse: “Que erma criatura
Convoca da noite o guardião?”

“Minha missão é lançar brilho,
Enquanto faz ronda o besouro:
Segue portanto o seu sussurro;
Retorna ao lar, triste andarilho.”

SOBRE A MÁGOA ALHEIA

Posso ver chorar alguém
E triste não estar também?
Posso ver o outro sofrer
E um consolo não trazer?

Posso ver correr o pranto
E não chorar o meu tanto?
Pode um pai ver seu rebento
Chorar, sem sofrer tormento?

Pode a mãe sentar-se e ouvir
De medo um filho vagir?
Não, não pode ser assim,
Nunca, nunca ser assim!

Pode Quem a tudo rira
Ouvir gemer a corruíra,
Ouvir gemer a avezinha
Ou o infante que definha,

Sem recobrir a ninhada
De uma piedade inflamada;
Sem junto ao berço sentar-se
E todo em pranto inflamar-se;

Sem se sentar noite e dia,
Secando nossa agonia?
Oh, não pode ser assim!
Nunca, nunca ser assim!

Ele, que a alegria traz,
Que infante também se faz;
Que se torna homem de dor,
Que sente nosso amargor.

Não há suspiro que dê
Sem que o veja Quem te fez;
Não há pranto derramado
Sem que Ele esteja ao teu lado.

Oh! Que Ele dá sua alegria
E destrói nossa agonia.;
Até que a dor vá embora,
Fica ao nosso lado e chora.

CANÇÕES DA EXPERIÊNCIA

INTRODUÇÃO

Escutai a voz do Bardol!
Que vê Presente e Passado,
E o Futuro, e que escutou
O antigo Verbo Sagrado
Quando entre as velhas árvores andou,

Chamando em pranto a extraviada
Alma, na noite rociada;
Que tinha controle sobre
O ástreo céu que nos cobre
E renovara a luz já degradada!

“Ó Terra, Terra, retorna!
Levanta da relva e torna,
Que a noite fria definha
E a clara alvorada, morna,
Por sobre as negras massas se adivinha.

“Não fujas, não fujas mais;
Se foges, para onde vais?
O firmamento que se abre
E os úmidos litorais
Hão de ser teus até que a noite acabe.”

A RESPOSTA DA TERRA

A Terra ergueu a cabeça
Da escuridão funda e espessa.
Em pântano pavor, profundo,
Sua luz era dispersa.
Branqueou-lhe a fronte um desespero fundo.

“Por litorais resguardada
E pelos céus vigiada,
Que me encanecem, consomem,
Ouço, já velha e cansada,
Chorando, a voz do Pai do antigo Homem!

“Ó Pai dos homens, ciumento!
Ó temor cruel e rude!
Pode o deleite gerar
As virgens da juventude
E da aurora, se a noite o acorrentar?

“Não ri a flórea estação
Ao ver a flor e o botão?
Acaso o semeador
Semeia na escuridão
E ara na noite negra o lavrador?

“Quebra a corrente fatal
Que me regela, ancestral.
Egoísta e vã, peçonhenta!
Qual maldição eternal
Que à servidão o Amor Livre acorrenta.”

O TORRÃO E O SEIXO

“O Amor não se devota ao gozo do Eu
Nem pela própria causa é denodado,
Mas por outrem desdobra o seu cuidado
E aos despeitos do Inferno traz um Céu.”

Assim cantava um pequeno Torrão
Pisado pelo gado com desleixo;
Mas, em meio à corrente, ouviu-se um Seixo
Modular estes metros de canção:

“O amor só quer o gozo do Eu eterno
E em agrilhoar os outros se compraz;
De outrem vem destruir repouso e paz,
E a despeito do Céu traz um Inferno.”

QUINTA-FEIRA SANTA

É coisa santa de ver
Em rico e fértil torrão
Bebês de fome morrer,
Tratados com dura mão?

É uma canção tal lamento?
Pode ser de gentileza?
Tanta criança ao relento?
É uma terra de pobreza!

E o seu sol é bem fraquinho,
E o seu campo nada dá,
E há espinhos nos seus caminhos:
E é eterno inverno por lá.

Pois onde quer que o sol brilhe,
Onde quer que a chuva jorre,
Há sempre alguém que partilhe,
Nem de pobreza se morre.

A MENININHA PERDIDA

Qual numa profecia
 Minha voz anuncia:
 Que a terra, hoje suspensa
 (Gravai esta sentença)

No sono, há de acordar
 E seu Criador buscar;
 E a árdua charneca má
 Verde jardim será.

Lá pelo sul ardente
 Onde o verão é quente
 E nunca arrefeceu,
 Meiga Lyca nasceu.

Sete verões apenas
 Contava tal pequena.
 Longe vagueara e ouvira
 Dos pássaros a lira.

“Sob esta árvore imensa
 Venha o sono e me vença.
 Meu pai, mamãe, pranteia?
 Onde é que dormirei?”

“No deserto que cansa
 Se perdeu a criança.
 Pode Lyca dormir
 vendo sua mãe carpir?”

“Se o coração lhe aperte,
 Que Lyca então desperte;
 Se minha mãe dormir,
 Não irei mais carpir.”

“Ó noite taciturna,
 Sobre a clareza diurna,
 Faze a lua surgir,
 E eu possa então dormir.”

E Lyca adormecera,
 Enquanto as rudes feras
 Das cavernas de em torno
 Espreitaram seu sono.

Altivo, o leão surgiu
E a doce virgem viu,
E cabriolava, entanto,
Naquele solo santo.

Tigres, leopardos vão
Brincando; enquanto o leão,
Ao redor da que dorme,
Baixou a juba enorme

E lambeu o seu peito
E o pescoço perfeito,
Com os olhos rutilantes
De lágrimas flamantes;

E eis que a leoa veio
E lhe despiu o seio;
E, nua, a conduziram
Às furnas de onde vieram.

A MENININHA ENCONTRADA

Por toda a noite erraram
Os pais de Lyca e andaram
Dos vales cada canto
E os desertos em pranto.

Cansados e exauridos
Por gritos e gemidos,
Correram sete dias
As mais remotas vias.

Sete dias dormiram
Entre as sombras e a viram,
Num sonho, definhar
Num deserto lugar.

Pálida, entre as quebradas
Vaga a imagem sonhada,
Faminta, triste, exausta
De mágoa e espera infausta.

Indormida, a mulher
Não se podia erguer
Sobre os pés, e se via
Que não mais andaria.

Nos braços a tomava
O homem, que a dor armava:
Até que à sua frente
Surge um leão de repente.

Voltar seria embalde:
Logo, com a juba jalde,
Ao chão ele os lançou
E ao lado se postou,

A farejar a presa;
Seu pranto se represa
Vendo eles que o leão
Lambia suas mãos.

No assombro que os sustém
Viram seus olhos bem
E que o pelame louro
Guardava uma alma de ouro.

Sobre a fronte se via
Uma coroa, e descia
A juba pelos ombros;
Arrefeceu-se o assombro.

“Segui-me”, disse o rei;
“Por ela não choreis;
Em meu palácio enorme
Vossa filhinha dorme”.

E acompanhando vão
Os passos da visão
Até que a descobriram
Entre as feras dormindo.

Desde então têm vivido
Num lugar esquecido;
Sem medo ao lobo bravo
E ao leão de urro cavo.

O LIMPADOR DE CHAMINÉS

Uma coisa negra sobre a neve clara
Grita: “Limpa-dor!”, com acentos de dor!
“Onde estão teus pais?”, alguém lhe perguntara.
Foram para a Igreja cantar seu louvor.

“Porque eu era alegre, porque eu era forte
E sorria sobre neves de alva cor,
Me vestiram estes vestidos de morte,
Me ensinaram cantos e notas de dor.

“E porque me alegro, porque danço e canto,
Supõem que disso não me vem injúria.
Vão louvar a Deus, mais ao Vigário, e ao Rei,
Que fazem um céu com a nossa penúria.”

CANÇÃO DA AMA

Quando se ouvem nas campinas as vozes dos pequeninos,
E na distância o vale chora,
Os dias de juventude em minha mente ressurgem,
E meu rosto se descolora.

“Então a casa tornai, crianças, que o sol descai,
E o orvalho desce já do céu;
Vosso dia e primavera passais entre brincadeiras,
E a noite e o inverno sob um véu.”

A ROSA DOENTE

Rosa, estás doente!
O verme invisível
Que voa, inclemente,
Na noite terrível

Encontrou teu leito
De róseo prazer:
Seu amor secreto
Destrói teu viver.

O MOSQUITO

Mosquitinho,
Tua alegria
Meu dedo incauto
Varreu do dia.

Não sou eu
Tão leve assim?
Ou não és homem
Igual a mim?

Pois que danço,
E bebo, e entoo,
Até que um dedo
Varra meu voo.

Se o pensamento
Põe vivo e forte
A quem sem ele
Só tem a morte;

Então feliz
Mosquito sou:
Se estou vivo,
Se morto estou.

O ANJO

Tive um sonho! Não sei que quer dizer.
Que nele eu era a virginal Rainha,
E um Anjo meigo vinha me entreter,
Sem me entreter da oculta dor que eu tinha.

E meu pranto manava noite e dia,
E ele vinha secar meu choro quente;
E dia e noite meu pranto corria,
E dele eu ocultava meu deleite.

Então, alçando as asas, foi-se embora,
E o amanhecer chegou, rosado e ledó;
Sequei o pranto, e fiz uma armadura,
Dando escudos e lanças ao meu medo.

Logo ele retornou, mas foi em vão;
Eu já me armara, quando ressurgiu;
Da juventude fora-se a estação,
E de cãs minha frente se cobriu.

O TIGRE

Tigre! Tigre! clarão feroz
Nas florestas da noite atroz,
Que mão, que olho imortal teria
Forjado a tua simetria?

Em que funduras, em que céus
O fogo ardeu dos olhos teus?
Com que asa ousou ele aspirar?
Que mão ousou o fogo atear?

Que ombro, que arte deu tal torção
Às fibras do teu coração?
E, o teu coração já batendo,
Que horrenda mão? que pé horrendo?

E qual martelo? E qual corrente?
Em que forja esteve tua mente?
Qual bigorna? Que ousado ater
Seus terrores ousou conter?

Quando os astros se desarmaram
E o céu de lágrimas rociaram,
Riu-se ao ver sua obra talvez?
Fez o Cordeiro quem te fez?

Tigre! Tigre! clarão feroz
Nas florestas da noite atroz,
Que mão, que olho imortal teria
Forjado a tua simetria?

MINHA BELA ROSEIRA

Uma flor me foi ofertada
Que maio jamais viu tão bela;
Eu disse: “Já tenho Roseira” –
E assim desdenhei recebê-la.

De minha Roseira tão bela
Cuidei, dia e noite, zeloso;
Porém minha Rosa deixou-me:
Seus espinhos foram meu gozo.

AH, GIRASSOL

Ah, Girassol, que o tempo exaure!
Que medes do sol a passada;
E buscas aquele áureo clima
Que é o rumo de nossa jornada:

Lá onde a ardente Juventude
E a Virgem que em neve se veste
Do túmulo se erguem e aspiram
Ao rumo que só tu soubeste.

O LÍRIO

A Rosa frágil tem o espinho por defesa,
A humilde Ovelha exhibe o chifre ameaçador;
Porém ao branco Lírio é suficiente o Amor –
Não há espinho ou ameaça a turvar-lhe a beleza.

O JARDIM DO AMOR

Um dia entrei no Jardim do Amor
E vi lá dentro o que nunca vi:
Uma Capela fora erigida
Em meio ao verde que conheci.

Dessa Capela os portões fechados,
Com “Tu não deves” gravado à entrada,
Voltei-me para o Jardim do Amor,
Buscando alguma flor lá plantada;

E pude ver em lugar de flores
Lousas e túmulos numerosos;
E Padres de negro faziam a ronda,
Atando entre cardos meu querer e gozo.

O PEQUENO VAGABUNDO

Ó Mamãe, Mamãe, eis que a Igreja é tão fria,
E é bem maisquentinho na Cervejaria;
Tu sabes que a isso já me acostumei,
Embora tal uso não seja de lei.

Mas se fogo e assento nos dessem na Igreja
E a beber um gole da boa Cerveja,
Era canto e reza todo santo dia,
E ninguém da Igreja se escafederia.

E o Pastor pregava, bebendo e cantando,
E todos alegres, quais aves em bando;
E dona Abandono, que a igreja não deixa
Não teria filhos, nem jejum, nem queixa.

E Deus, como um pai, bem contente vendo
Seus filhos como Ele no prazer vivendo,
Não teria brigas com o Diabo e a Barrica,
Mas lhe dava um beijo, um trago e roupa rica.

LONDRES

Nas ruas por que passo, escrituradas,
Onde o Tâmis corre, escriturado,
Vou reparando as faces maceradas,
Que a aflição e a moléstia têm marcado.

Em cada grito de Homem ou no grito
Do Infante que de medo se lamente,
Em cada voz ou em cada interdito,
Ouço os grilhões forjados pela mente.

Se grita o Limpador de chaminés,
Se assusta cada Igreja em seus escuros;
Quando suspira o Soldado, infeliz,
O sangue tinge do Palácio os muros.

Mas o que à meia-noite escuto mais
É a meretriz lançar praga funesta,
Que do Recém-Nascido estanca os ais
E os funerais do Casamento empesta.

A ESSÊNCIA HUMANA

Não era necessário haver Piedade,
Se a Pobreza não fosse cultivada;
E se houvesse geral felicidade,
A Clemência seria aposentada.

A paz somente advém do mútuo medo,
Enquanto o amor egoísta é dominado;
E então a Crueldade trama o enredo
E lança suas iscas com cuidado.

Entre temores santos, senta e chora,
De lágrimas regando a terra inteira;
E a raiz da Humildade se elabora
Debaixo de seus pés, em meio à poeira.

Em torno à sua frente uma penumbra
De Mistério começa a se espalhar;
E a Lagarta e o Mosquito se deslumbram,
E do Mistério vêm se alimentar.

E então produz do Engodo a grande fruta,
Bem doce ao paladar e bem rosada;
E o Corvo ali constrói sua casa, oculta
Em meio à sombra mais fechada.

Quando os Deuses de terra e mar buscaram
Ttal árvore por toda a Natureza,
Foi em vão que por ela procuraram:
Na Mente do Homem uma se enraíza.

MÁGOA INFANTIL

Minha mãe lamentou, chorou meu pai
Quando saltei no mundo cheio de ais;
Berrando, inerte, pálido e despido,
Como um elfo entre as nuvens escondido.

Lutando contra as mãos que me amparavam,
Forcejando entre os cueiros que me atavam,
Enleado e exausto, considereei bem
E no seio afundei de minha mãe.

UMA ÁRVORE DE VENENO

Tive ódio ao meu amigo:
Disse-lhe, e o ódio findou.
Tive ódio ao meu inimigo:
Não lhe disse, e o ódio aumentou.

Dia e noite lhe dei a água,
Do medo e de minha mágoa;
Dei-lhe o sol do riso claro,
Que é só do engodo o anteparo.

E a árvore cresceu noite e dia,
E produziu grande pera;
Meu inimigo, que a via,
Soube de quem ela era;

E entrou pelo meu pomar
Na hora em que o dia se vela;
E na aurora o fui achar
Bem estirado sob ela.

UM MENININHO PERDIDO

“Não amamos ninguém mais que a nós mesmos,
Nem temos por ninguém mais devoção,
Nem parece possível ao Pensar
De um pensar superior ter a intuição.

“Como, meu Pai, te posso amar, ou como
Ter pelos meus irmãos a alma inflamada?
Amo-te apenas como uma avezinha
Que vem bicar farelos na calçada.”

Sentou-se o Padre ao lado, ouvindo a criança,
E, trêmulo, afagou o seu cabelo.
Conduziu-a, suspensa pela manga;
E muito se admirou tão sacro Zelo.

De pé junto ao altar, disse ele assim:
“Meu Deus! com que demônio aqui deparo;
Alguém que em pensamento quer julgar
Nosso Mistério mais sagrado e raro.”

Não se ouviu a criança que chorava,
Seus pais a prantearam mas em vão;
Despiram-na de sua camisinha
E a prenderam com os ferros de um grilhão;

E a queimaram naquele local santo
Onde tantos outrora pereceram:
Seus pais a prantearam mas em vão.
Tais coisas em Albion é que ocorreram?

UMA MENININHA PERDIDA

*Ó crianças do futuro!
Lendo o que vos vou contar,
Sabei que um dia o Amor puro
Por crime se ousou tomar!*

Numa Idade de Ouro, quando
O inverno era morno e brando,
Qualquer jovem e donzela,
Banhavam-se nus naquela
Sagrada luz do sol que nada vela.

Um dia um jovem casal,
Cheio de amor fraternal,
Num claro jardim se achou
De que a luz santa afastou
As cortinas que a noite entrecerrou.

Ali, no dia chegado,
Brincaram sobre o gramado;
Nenhum pai por perto estava,
Estranho algum lá chegava,
E a donzela seus medos olvidava.

Cansados de doces beijos
Manifestam seus desejos
De encontrar-se quando o fundo
Sono paire sobre o mundo
E, exausto e só, pranteie o vagabundo.

Ao encanecido pai
A clara donzela vai;
Mas dele o olhar de ternura
Como a sagrada escritura
Fez tremer de terror sua ossatura.

“Ona! pálida e tremente!
Fala ao teu pai: Oh, que ingente
Mmedo de ti se apropria!
Oh, que inquietude sombria
De minhas cãs as raízes arrepia!”

A IMAGEM DIVINA

A Crueldade tem um peito humano,
E o Terror forma humana tem celeste,
E um rosto humano exhibe a Desconfiança,
E recobre o Segredo humana veste.

A veste humana se forjou no ferro,
A forma humana numa ardente forja,
Selou o rosto humano uma fornalha,
E o peito humano sua faminta gorja.

UMA CANÇÃO PARA BERÇO

Dorme, meu belo fulgor,
Sonhando gozos e amor;
Dorme na noite, e em teus sonhos
Chorem pesares tristonhos.

Pequenino, em teu rostinho
Doces ânsias adivinho,
E alegrias, peraltagens,
Mil pequenas traquinagens.

Enquanto afago os teus braços,
Da manhã descubro traços
Em teu sorriso, e em teu peito
Teu coração insuspeito.

Ó traquinagens que estão
Crescendo em teu coração!
Quando ele enfim despertar,
Virá a luz com seu pesar.

O ESCOLAR

É bom sair de manhãzinha,
Ouvindo as aves a cantar
E ao longe a trombeta de caça
E ver a cotovia no ar
Que cedo vem me acompanhar.

Mas ir à escola de manhã,
Como destrói minha alegria;
Sob um olhar cruel, aceso,
Passam os novos todo o dia
Em desgosto e melancolia.

Passar às vezes longo tempo
Sentado, ouvindo, aborrecido,
Indiferente à sala de aula
E indiferente ao livro lido
E ao quadro-negro tão comprido.

Como há de uma ave que nasceu
Para a alegria achar prazer
Numa gaiola, ou uma criança,
Baixando as asas, esquecer
Que é tempo só de florescer?

Ó pai, ó mãe, se for cortada
Logo em botão a jovem flor
E a planta nova desbastada
De seus brotos e seu vigor
Pelo desgosto e pela dor,

Como há de o tépido verão
Ter no prazer o seu momento?
Como na dor colher o fruto
Que nos trouxe o florescimento,
Quando chegar o inverno e o vento?

PARA TIRZAH

Tudo o que Provém de Geração
Há de a escura Terra consumir,
Para vir de novo e ressurgir:
Que devo fazer contigo então?

Os Sexos, do Orgulho originados
E do Erro, perduram só um dia;
Mas da Morte a Graça os alivia;
Dores e fadigas são seus fardos.

E tu, Mãe de minha Mortal sina,
Que de maldade me fizeste o Peito
E só com lágrimas de despeito
Me trancaste Ouvido, Olho, Narina;

Me selaste a Língua em barro vão,
Para à Mortal Vida me entregar;
Mas Jesus morto vem me livrar;
Que devo fazer contigo então?

A VOZ DO BARDO ANTIGO

Vinde, juvenil prazer,
E vede a manhã nascer
Como um reflexo luzente
Da verdade transparente.
Fogem dúvida e cisão,
Disputa e os véus da razão.
É labirinto a loucura
Que entre brenhas se procura.
Quantos tombaram por lá!
A noite toda a pisar
Pilhas de ossos, vão buscar
O que na noite não está;
E acham seus próprios cuidados.
Querem os outros guiar,
Quando deviam ser guiados.